

A INTERFACE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO E DIÁLOGOS – IRIS Y. TOMITA

Ivania Skura *

Esta entrevista foi realizada com o objetivo de denotar a relação entre Comunicação e Educação pelo olhar de uma profissional que há mais de uma década pesquisa o assunto no âmbito da pós-graduação. Para colocar o tema em pauta e discuti-lo, as informações aqui presentes foram gentilmente concedidas pela Profa. Dra. Iris Y. Tomita via plataforma virtual.

Iris é doutora em Educação (Cultura, Escola e Ensino) pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2014), mestre em Educação (Educação e Mídia) pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2006), especialista em Língua Portuguesa (2003) e Supervisão e Orientação Educacional (2002) pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação - ESAP, possui MBA em Marketing (2004) e é graduada em Comunicação Social na habilitação Publicidade e Propaganda (2001) pelo Centro Universitário Cesumar - UniCesumar.

Na esfera *lato sensu*, Iris Y. Tomita desenvolveu a pesquisa *Meios de comunicação no processo educativo na era da informação* e também o estudo *Reflexão sobre o papel da escola na formação de leitores críticos da linguagem midiática*. No meio *strictu sensu*, defendeu a dissertação *Em busca do sujeito: a formação do olhar no Ensino Superior de Publicidade e Propaganda* e a tese intitulada *A interface Comunicação e Educação em sala de aula: potenciais e limitações sob o olhar do professor*.

Co-autora dos livros *Mídia, cidadania, manifestações culturais e questões de gênero* (Unicentro, 2011); *Fatos do passado na Mídia do presente: rastros históricos e restos memoráveis* (Intercom, 2011); *Retratos Midiáticos Transdisciplinares* (Edunicentro, 2010) e *Recortes Brasileiros de Ativismo Midiático* (Edunicentro, 2010) e autora de capítulos em livros na área de Comunicação e Educação, atualmente Iris Y. Tomita é Diretora de Ensino da Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste e docente do Departamento de Comunicação Social na mesma universidade, trabalhando principalmente com os temas: ensino de comunicação, comunicação-educação, produção audiovisual, psicologia da comunicação e comportamento do consumidor.

Conte-nos a respeito de sua formação e de como decidiu olhar para a interface Comunicação e Educação?

Iris Y. Tomita: Antes da minha formação em Comunicação Social na graduação, transitei por outros cursos de áreas distintas, porém, complementares. A minha paixão pela Comunicação estava nas relações interpessoais e na visão multidisciplinar que o curso oferece. Entre as diversas conexões possíveis de se pensar a comunicação, estava a área vizinha, a Educação, mais especificamente a educação escolar entre os vários campos com os quais tive contato. O início de meu trabalho com a relação entre Educação e Comunicação ocorreu a partir da leitura do livro “Comunicação e Educação – a linguagem em movimento”¹, do Prof. Dr. Adilson Citelli, docente dos programas de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP – ECA/USP, com ênfase na área de comunicação/educação, educomunicação, comunicação/linguagem.

Minha formação como bacharel em Comunicação Social – na habilitação em Publicidade e Propaganda – privilegiou assuntos relacionados à Comunicação e suas relações com aspectos técnicos e sociais, muitas vezes, voltados aos interesses mercadológicos. Contudo, em minha atuação como professora no curso de Publicidade e Propaganda (no Centro Universitário Cesumar – UniCesumar, na União de Faculdades Metropolitanas de Maringá – Unifamma, no Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade e na Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro) uma de minhas mais constantes preocupações era observar as dificuldades encontradas na prática docente, um universo muito diferente do que é aprendido ao longo de um curso que visa à formação de bacharéis. Senti, então, a necessidade de conhecer e de me aproximar das questões educacionais, pois em sala de aula atuo como professora de publicidade e não como publicitária. Algumas carências de conhecimento sobre os fundamentos que norteiam a prática docente impulsionaram minha aproximação com a área da Educação. Uma das estratégias que encontrei para lidar com essa situação foi buscar leituras sobre o ensino. Assim, optei por cursar a pós-graduação em Educação e, desde 2002, dedico-me ao estudo da interface Comunicação e Educação.

Existem muitas incompatibilidades na aproximação da cultura midiática à cultura escolar? A complexidade de análise dos processos de Comunicação e Educação permitem avaliar a cultura da mídia e do consumo num ambiente que não o pedagógico?

Iris Y. Tomita: O histórico das pesquisas sobre a interface Comunicação e Educação demonstra que a relação entre essas duas áreas passou por momentos de distanciamentos e de aproximações, variando entre o encantamento e a rejeição, por vezes sendo um assunto ausente dos debates escolares.

Certamente, a relação cultura midiática e cultura escolar enfrenta embates, e nem mesmo é saudável que seja uma relação harmoniosa. Os embates e o enfrentamento das diferenças contribuem para o movimento da dinâmica. Mais que pensarmos em incompatibilidades, vivemos um cenário de desconforto gerado pela sensação de descompasso no cotidiano escolar.

A escola convive hoje com a insegurança gerada pelo sentimento de impotência que faz com que os(as) próprios(as) educadores(as) questionem seus papéis, causando muitas vezes um desânimo diante da desvalorização da profissão.

Esse cenário contribui de forma significativa para ilustrar alguns dos motivos que levaram a olhares desconfiados sobre os produtos divulgados pela mídia, os quais, por meio de imagens e linguagem sedutoras, atraem um grande público para uma cultura de imagens em detrimento das letras, ressaltando as características fragmentadas, sofrendo críticas por incentivar a inversão de valores.

Mas devemos lembrar que a educação escolar oferece oportunidades de confronto e pode desempenhar um papel diferenciador nesse aspecto. Apesar das forças de ação reprodutora encontradas na sociedade, a escola aparece como um espaço privilegiado porque possibilita um ambiente favorável à resistência, ao confronto e ao contato com as diferenças. Nesse sentido, sou bastante otimista ao observar boas e criativas iniciativas por parte de professores e professoras para minimizar o descompasso da informalidade proporcionada pelas tecnologias de comunicação com a formalidade do espaço escolar.

Em tempos de redes sociais digitais, em que as novas tecnologias da informação e comunicação são meios essencialmente marcados pela possibilidade de interação em tempo real, a estrutura formal da educação é ameaçada pela agilidade da tecnologia?

Iris Y. Tomita: A estrutura formal da educação é ameaçada se considerar esse universo de tecnologias um inimigo. Há mais possibilidades de aproximações que de distanciamentos. Vivemos imersos em ambientes que nos cercam de mensagens que, em todos momentos, nos lembram que somos seres insaciavelmente carentes de produtos a serem consumidos. Essa cultura é presenciada em diversas esferas em que as pessoas vivem, presenciadas em outras instituições socializadoras, como nos lares e nas escolas, por exemplo. A escola recebe alunos já educados pela mídia e, por isso, depara-se com uma difícil situação para dialogar com a formalidade e a sistematização características da escola com os pensamentos recheados de influências midiáticas.

Pensando nesse cenário social atual em que a mídia está em praticamente todos os espaços, como trabalhar com essa dinâmica na sala de aula? A diversidade dentro da própria sala de aula e a pluralidade de meios e formatos de comunicação permitem pensar em um espaço escolar no qual a atuação docente seja beneficiada? Ou a presença das mídias na sala de aula pode ser negativa?

Iris Y. Tomita: A própria dinâmica do mundo impulsiona para que o processo de ensino e de aprendizagem seja também dinâmico. A realidade na qual se encontra o sistema escolar é complexa, visto que converge em seu espaço, uma diversidade de culturas com as quais os alunos convivem previamente em seu cotidiano.

É possível encontrarmos iniciativas no espaço escolar por meio da inserção de discussões da leitura crítica sobre os produtos midiáticos, na adequação dos recursos comunicacionais em sala de aula ou em outros tipos de prática que são essenciais para promover a reflexão e o questionamento, ajudando a construir olhares alternativos e a atribuir sentidos aos fenômenos da cultura midiática que nos rodeiam.

Quando pensamos “como trabalhar essa dinâmica na sala de aula” gosto de lembrar de Martín-Barbero² que nos recorda que no processo comunicativo não há uma linearidade que determine resultados precisos. Gosto de fazer analogia ao processo educativo, não há fórmulas, não há receitas prontas para seguirmos. Acredito que a comunicação e intercomunicação proporcionadas em redes sociais com as plataformas tecnológicas minimizam a verticalidade nas relações e criam proximidades entre as pessoas, possibilitando a todos o mesmo direito de falar.

Embora tenhamos ciência das diversas críticas sobre as tecnologias de

comunicação, o trabalho docente e o espaço escolar podem ser mais beneficiados que ameaçados.

Notas

* Ivania Skura é mestranda e bolsista Capes do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná - Unespar/Campus de Campo Mourão/PR. Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Cesumar – UniCesumar, Maringá/PR. E-mail: ivaniaskura@hotmail.com

¹ Obra publicada pela Editora Senac São Paulo em 2000 (1ª ed.), em 2002 (2ª ed.) e em 2004 (3ª ed.). Cf. CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

² Jesús Martín-Barbero é um dos mais renomados pesquisadores e teóricos de Comunicação e de Cultura na América Latina. O autor tem contribuído para a reflexão de questões relativas aos meios de comunicação e às mediações culturais de modo pertinente para discussões em diversos campos do conhecimento. Cf. MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

Recebido em: fevereiro de 2015.

Aprovado em: abril de 2015.